A tecnologização dos discursos midiáticos: o Fantástico nas eleições [1]

Glaucia Campos Guimarães (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)[2]
Raquel Goulart Barreto (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)[3]

A presença intensa dos discursos midiáticos na vida cotidiana representa a realidade, ordena as relações sociais e estabelece novas identidades. Considerando o discurso como um modo de ação (Fairclough, 2001) dialeticamente relacionado à estrutura social, este trabalho parte do pressuposto de que as mudanças discursivas integram mudanças mais amplas, levantando a hipótese de que, cada vez mais, as tentativas de definir a direção das últimas incluam a abordagem das primeiras.

Através da Análise do Discurso Textualmente Orientada e dos modos de articulação de palavra, imagem e som, são encaminhadas questões relativas: (a) à tecnologização do discurso; (b) às suas relações com mudanças sociais; e (c) às possibilidades da abordagem teórico-crítica das relações entre a articulação de linguagens na/da TV e na/da sociedade para o estudo das questões comunicacionais e educativas.

1. Discurso, articulação palavra-imagem-som e mudança social

O presente trabalho parte do alargamento da concepção de linguagem, rompendo com os parâmetros estritos da Lingüística, que tem por objeto a apenas língua, parte formalizada da linguagem verbal. Desta forma, pensa linguagens, no plural e focaliza a articulação entre elas (Barreto, 2003), assumindo que analisar essa articulação pode auxiliar na compreensão das imbricadas relações entre linguagens e demais práticas sociais, no estudo dos processos de mudança social.

A pressuposição de que existem linguagens, no plural, e que elas são práticas sociais, não permite deixar de reconhecê-las como "significação, comunicação e demarcação" (Kristeva, 1988). As

---

[1] Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres.

[2] Professora Assistente da UERJ (FFP - Faculdade de Formação de Professores), Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPEd-UERJ) e integrante do Grupo de Pesquisa Educação e Comunicação (GRPESQ-CNPq). E-mail: glauciaguimaraes@rjnet.com.br.

[3] Professora Visitante da Faculdade de Educação da UERJ, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPEd-UERJ), coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação e Comunicação (GRPESQ-CNPq), bolsista do CNPq. E-mail: raquel@uol.com.br.

linguagens são "práticas significantes socialmente desenvolvidas" (*ibid.*) e historicamente dimensionadas (Barreto et al., 2003; Orlandi, 1987). Isto significa que: (1) as matérias significantes (palavra, som e imagem) com as quais os sujeitos se relacionam podem assumir múltiplos sentidos, historicamente dimensionados; (2) as matérias significantes, também como necessidade histórica, não são escolhidas aleatoriamente, mas em função da sua consistência significativa: matérias diferentes significam diferentemente; e (3) a presença de mais de uma matéria significante não pode ser pensada como alternativa, mas objetivada a partir dos modos da sua articulação.

Entre os modos de articulação, Barreto (2002) destaca: (1) o de convergência, ou seja, o reforço mútuo de sentidos entre as matérias significantes; (2) o de divergência, que consiste em articular as matérias significantes apontando para sentidos em diferentes direções e (3) o de contigüidade: reforço mútuo de sentidos entre matérias significantes, caracterizado como proximidade associada à supressão de elementos que fariam parte de configurações textuais específicas.

Para objetivar esta articulação, a autora destaca que é preciso considerar as condições da sua produção: o contexto situacional e histórico em que são realizadas, abrangendo o lugar do dizer e a perspectiva a partir da qual se encara um objeto e que o constitui como tal, sem desconsiderar o núcleo sólido das relações de poder ou suas condições materiais de existência.

Assim, esta abordagem histórico-discursiva compreende os movimentos de articulação das matérias significantes identificados por Barreto (2002) no contexto do referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO), nos termos em que formulada por Fairclough, visando especialmente aos "modos como os meios de comunicação de massa estão modificando os limites entre as esferas pública e privada da vida social" (2001, p.30).

Nesta perspectiva e segundo o autor citado, qualquer "evento" discursivo é tridimensional: é um texto (unidade de significação passível de análise lingüística), é uma prática discursiva (interação textual e os processos de produção e de interpretação textual) e é um exemplo de prática social (circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo, como elas moldam a natureza da prática discursiva e os efeitos sociais constitutivos/construtivos do discurso). Vale ressaltar que a noção de texto inclui as mais diversas "formas simbólicas, tais como imagens visuais e textos que são combinações de palavras e imagens" (p.23).

Cabe sublinhar, ainda, que o autor explicita três grandes tendências de mudança nas ordens de discurso contemporâneas de "caráter em parte internacional ou transnacional: a "democratização, comodificação e tecnologização" (p.247). Na primeira – a que denomina de *democratização* – inclui a aceitação de dialetos sociais e variações lingüísticas, a "eliminação de marcadores explícitos de poder

em tipos de discurso institucionais com relações desiguais de poder, a tendência à informalidade das línguas, e mudanças nas práticas referentes ao gênero na linguagem" (p.248).

A segunda tendência diz respeito à "comodificação". Esta corresponde ao "processo pelo qual os domínios e as instituições sociais, cujo propósito não seja produzir mercadorias no sentido econômico restrito de artigos para venda, vêm não obstante a ser organizados e definidos em termos de produção, distribuição e consumo de mercadorias" (p.255). Alguns setores das artes e da educação, por exemplo, podem ser referidos como "indústrias" destinadas a produzir, a comercializar e a vender mercadorias culturais e educacionais a seus "clientes" ou "consumidores".

A última tendência "sugere que a intervenção consciente nas práticas discursivas é um fator cada vez mais importante na produção de mudança" (p.247). É a tecnologização do discurso:

> ligação íntima entre o conhecimento sobre linguagem e discurso e poder. Elas são planejadas e aperfeiçoadas com base nos efeitos antecipados mesmo nos mais apurados detalhes de escolhas lingüísticas no vocabulário, na gramática, na entonação, na organização do diálogo, entre outros, como também a expressão facial, o gesto, a postura e os movimentos corporais. Elas produzem mudança discursiva mediante um planejamento consciente (p.265).

Na tentativa de verificar estas tendências, segue uma análise do Programa Fantástico veiculado em 03 de outubro de 2004.

1. O Programa Fantástico

O Fantástico, cujo primeiro programa foi ao ar em 05 de agosto de 1973, é exibido até hoje no horário noturno de domingo. Ao lado do Jornal Nacional e do Programa Silvio Santos, é um dos mais antigos da televisão brasileira. Pode ser considerado "misto" ou de variedades, com shows, ficção, teleteatro, humorismo e telejornalismo. A seleção de seus temas é muito parecida com o telejornalismo: privilegia assuntos que envolvam multidões, notícias sobre pessoas famosas, fatos inéditos e misteriosos, humor, dinheiro, recordes e grandes contrastes.

A emissora que o veicula, apesar de localizá-lo no seu sítio na Internet como programa jornalístico, afirma, no histórico apresentado, que o "sucesso" do Fantástico deve-se ao fato desta "revista eletrônica" unir informação, entretenimento, emoção e espetáculo.

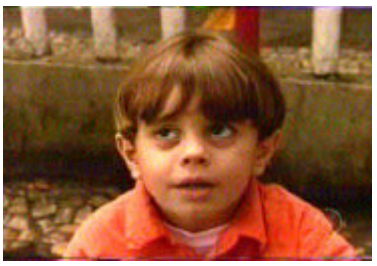
> Misturar jornalismo e entretenimento de maneira dinâmica e acessível poderia ser uma idéia delirante, mas era a proposta inédita da revista semanal que estreou sob a direção-geral de Augusto César Vanucci. A equipe do programa costurava em preto e branco musicais, notícias internacionais, humor, teleteatro, números de variedade e noticiário diário [...] Na estréia, emoção, entretenimento e informação garantidos. [...] Riso, drama, sexo, misticismo, guerra, amor, ciência... Tudo podia ser Fantástico se estivesse baseado na informação. Só havia uma proibição: usar uma *linguagem difícil* nas reportagens científicas (grifo nosso – http://fantástico.globo.com).

Este aspecto da condição de produção do programa pode ter sido a primeira e mais significativa modificação promovida no discurso. Somente para citar um exemplo, fora do programa, as informações científicas, bem como as acadêmicas, são geralmente explicitadas em uma ordem do discurso hermética que permite a apenas algumas pessoas o acesso aos termos (vocabulário), à forma de coesão textual (conectivos e conjunções no mesmo campo semântico e sinônimos próximos) e à estrutura textual da respectiva área de conhecimento. No entanto, no programa, as informações científicas são veiculadas numa ordem do discurso diferente. O texto das reportagens usa vocabulário, conectivos e possui estrutura textual mais acessível e popular. Em outras palavras, procura informar usando "linguagem fácil" ou ordens do discurso mais populares. Por exemplo, veicula informações sobre a economia, mas não utiliza o que se convencionou chamar "economês".

Para verificar se a tecnologização do discurso de fato ocorre e, ainda, verificar se esta modificação discursiva pode participar de mudança social, analisamos os textos audiovisuais de um programa do Fantástico que foi ao ar no dia 03 de outubro de 2004, dia em que houve o primeiro turno das eleições para prefeito e vereadores das cidades brasileiras. A opção por este programa deveu-se ao fato dele abordar o tema das eleições. Geralmente, as eleições suscitam, em grande parte da sociedade, expectativas de mudanças sociais. Assim, a nossa desconfiança poderia ser resumida em: na hipótese de intenção de influenciar mudanças de comportamento ou posicionamento político-ideológico, isto seria evidenciado neste programa. Deste modo, seria possível perceber a relação entre a tecnologização do discurso da TV e mudança social.

Nesta edição do Fantástico, o número de quadros que foram ao ar foi menor que nos outros programas, pois, por ter havido o primeiro turno das eleições, foram exibidos flashes, comentários e quadros da apuração dos votos do primeiro turno que normalmente não fazem parte do programa. Então, ao longo de toda a sua duração houve acompanhamento ao vivo dos resultados parciais e finais do primeiro turno das eleições. Este acompanhamento, referido especialmente aos dados sobre os candidatos a prefeito das capitais brasileiras, se apresentou de três formas diferentes: (1) os resultados parciais eram comentados por dois jornalistas – Alexandre Garcia e Franklin Martins; (2) os novos resultados parciais eram registrados na parte inferior da tela, introduzidos por um som semelhante ao da urna eletrônica quando da confirmação do voto; e (3) as reportagens externas "cobrindo" as eleições.

O programa começou com uma reportagem externa informando que, apesar da melhoria na fiscalização do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) do Rio de Janeiro, houve muitos cabos eleitorais fazendo "boca de urna". Durante a reportagem, é possível perceber dois textos que diferem do restante da reportagem. O primeiro texto exibe um menino de quatro anos que acompanha sua avó na eleição, afirmando que gostaria de poder votar:



– Dona Regina, eleitora da zona norte, levou o neto de quatro anos – Breno. Não parecia satisfeito! (repórter em *off*).

– Eu queria votar (Breno).

É importante perceber que os ângulos em que se encontra colocada a câmera são diferentes entre si, assim como a entonação do repórter. O repórter, modulando sua voz, enfatiza a frase "Não parecia satisfeito". Podemos perceber que os ângulos da câmera nas imagens mostradas durante a reportagem modificam, articulando-se de forma convergente à fala e à modulação da voz do repórter, na tentativa de controlar o sentido do discurso. Quando o repórter diz "levou o neto de quatro anos", a câmera filma o menino de cima para baixo (segunda imagem), diminuindo seu tamanho, "reafirmando" sua pequenez e pouca idade para votar. No quadro seguinte, a angulação da câmera muda – filmando de baixo para cima – e passa a mostrar o menino com uma certa altivez e é neste momento que o menino afirma que quer votar. As mudanças na angulação parecem contribuir para reafirmar a ênfase que a matéria dá ao fato de um menino de quatro anos "querer votar".

A partir de então, incentivar o voto passou a ser a tônica. Em seguida, é mostrada uma senhora idosa que vai votar em cadeira de rodas, embora na sua idade o voto não fosse mais obrigatório:

– Pra dona Célia o voto não era mais obrigatório, mas ela foi à seção eleitoral! (repórter em *off*).

– Eu sei que eu estou dando trabalho, mas eu quero votar (Dona Célia).

– É minha bisavó! Noventa e um anos é uma benção, tem que aproveitar! (Bisneto de dona Célia)

Embora os ângulos da câmera não tenham obedecido à mesma regra da cena de Breno, a entonação na parte da oração (“mas ela foi à seção eleitoral!”) dá ênfase ao ato praticado por dona Célia, enaltecido pela fala posterior de seu bisneto.

Considerando a articulação convergente entre imagem, som e palavra nas duas cenas acima apresentadas, em que uma linguagem reafirma a outra, é possível analisá-las interdiscursivamente a partir das seguintes questões: o que estes textos têm a ver com as notícias mais gerais sobre o decorrer do primeiro turno das eleições? As situações são relevantes para descrever como as eleições ocorreram? Os personagens retratados são importantes no cenário político nacional? O que pode ter influenciado a produção destas pequenas entrevistas? O que pode ter influenciado o diretor ao inseri-los na reportagem sobre os fatos ocorridos durante as eleições? Seria uma resposta a algum outro texto, discurso, representação ou idéia sobre os eleitores brasileiros?

Sobre esta última questão, Foucault (apud Fairclough, 2001, p. 134) lembra que “não pode haver enunciado [texto] que de uma maneira ou de outra não reatualize outros”. Todo texto, portanto, é um “elo na cadeia da comunicação” (Kristeva apud Fairclough, p.134). Isto quer dizer que todos os textos são formados por outros – intertexualidade. Os textos são, portanto, moldados por textos anteriores aos quais eles estão “respondendo” e por textos subseqüentes que eles “antecipam”.

Neste contexto, é possível dizer que os dois textos acima respondem a uma representação ou ideologia acerca dos eleitores que está colocada na superfície dos textos em questão. Então, talvez seja possível entender, sobretudo se repararmos na frase do repórter que introduz a fala de dona Célia, que o pressuposto colocado nos textos seja o de que os eleitores brasileiros estão deixando de ir ás urnas ou que só vão porque o voto é obrigatório. Daí a necessidade de mostrar que há pessoas que valorizam o “direito”, neste caso o “novo sentido” que agora é o voto como mais que um “dever”.

Fairclough (2001, p.135) denomina este movimento de "produtividade dos textos": condição que os textos têm de contribuir na transformação de textos anteriores e reestruturar as convenções existentes que, no caso exposto, pode ser o ressignificar o voto como "dever" em "direito" cívico.

Os textos acima, além de configurados a partir de uma ideologia, de um discurso – o que expõe sua característica interdiscursiva –, apresentam um outro tipo de intertextualidade: a intertextualidade manifesta seqüencial, "caso em que se recorre explicitamente a outros textos específicos que se alternam" (p.152). Em outras palavras, o trecho da reportagem é composto por vários intertextos que se alternam, ora de Breno (o menino de quatro anos), ora de dona Célia, ora do seu bisneto.

Esta condição intertextual implica analisá-la em relação à "representação do discurso" e a "pressuposição" – dois aspectos intertextuais para os quais Fairclough chama a atenção na análise do discurso. Estas relações ajudarão a detalhar e melhor explicitar os aspectos ideológicos inerentes à reportagem analisada: a relação entre intertextualidade, ideologia e práticas sociais.

Com relação à "representação do discurso", partimos do pressuposto de que todo o texto que compõem o outro não é apenas "relatado", mas é também representado, pois quando se "relata" um texto, uma citação, uma fala, necessariamente se escolhe "representá-lo" de um modo em vez de outro. Além disso, no texto analisado, o que está representado não é apenas a fala dos personagens que compõem a reportagem, mas também sua organização discursiva, assim como vários outros aspectos do evento discursivo – as imagens que são mostradas e o modo como são apresentadas, as expressões dos personagens das imagens veiculadas, os diferentes aspectos que o movimento de câmera imprime às imagens, o tom em que as coisas foram ditas, a entonação das orações, etc. Assim, todo o texto relatado, de forma direta ou indireta, caso das falas dos personagens participantes da reportagem, é apenas uma representação contextualizada pelo produtor do texto.

Então, o significado dos discursos representados (textos daqueles personagens que participam da reportagem) não pode ser determinado sem referência a como eles funcionam e são contextualizados no discurso representador. Assim, o intertexto de Breno é antecedido pela observação do repórter – "não parecia satisfeito" – atribuindo uma direção, "impondo" uma interpretação para o discurso representado. Esta "imposição" é evidenciada quando reparamos na expressão do menino, cujo semblante não sugere a insatisfação afirmada pelo repórter.

Além disso, os discursos representados são recortados de seu contexto e recontextualizados na reportagem, fato que só acentua a impressão de realidade e de veracidade da observação do repórter. Por exemplo, o depoimento do menino, colocado no discurso direto – que "confirma" a insatisfação de Breno anunciada pela fala do repórter – pode ter várias funções mais específicas, como dar impressão

de neutralidade e imparcialidade, sustentando a posição de quem informa "a verdade", sugerir que o texto da reportagem seja polifônico, etc.

Com relação à pressuposição assumida pelo produtor do texto, podemos percebê-la na fala do repórter que antecede o interdiscurso de dona Célia, na expressão, tom e entonação na fala do repórter abismado, enfatizando alguém que, mesmo não tendo mais o dever de votar, participa das eleições. Ou seja, o pressuposto é o de que os eleitores, em sua maioria, votam apenas por obrigação.

No mesmo programa, em reportagem que tinha como finalidade relatar aspectos e fatos ocorridos no primeiro turno das eleições, novamente é reforçado o voto como um "direito":

– Os idosos, que não são obrigados a votar, fizeram *questão* de ir às urnas...

– Sr. Otacílio de *noventa e um anos* votou em Belo Horizonte (repórter em *off*)

– Estou em plena saúde e quero votar. E vou *votar* agora e *vou votar* nas outras eleições que vêm (Sr. Otacílio).

– Em Goiânia, Sr. Elias acompanhou a neta, que votou pela primeira vez. Ele também estreou na urna eletrônica (repórter em *off*).

– Eu pensei que fosse mais difícil (Sr. Elias).

– Aos *oitenta e quatro anos*, sr. Antônio, que mora em São Luis, *não se conformou* em ficar em casa (repórter em *off*).
– Nós estamos numa cidade. É preciso a gente ajudar a cidade, não é não?

Novamente, com relação às matérias significantes, podemos ver que elas se articulam de forma convergente: a câmera, colocada um pouco abaixo dos olhos dos idosos, a entonação e ênfase em determinadas palavras pronunciadas pelo repórter (estão destacadas em itálico nas falas transcritas acima), os cortes de uma cena para outra, a quantidade de pessoas com o mesmo propósito e visão sobre a condição de eleitor reunidas num mesmo programa (contando com os textos anteriores, temos cinco pessoas diferentes e de lugares diversos), entre outros aspectos, reforçando o efeito de sentido de "voto como um direito" e não apenas como dever.

Vimos, portanto, que o texto sobre os eleitores idosos repete a mesma prática discursiva dos textos do início do programa. Então, quanto à questão da intertextualidade e interdiscursividade, são constituídos por meio de uma combinação de tipos de discurso, onde um funciona para confirmar e dar verossimilhança ao outro. Analisamos também a possível "cadeia intertextual" em que os textos estão localizados, ou seja, a que textos eles respondem. Além disso, tratamos da "coerência": a propriedade das interpretações, a presença de partes constituintes relacionadas com um sentido que, no caso, está relacionada à representação do voto como direito, retomando o pressuposto já analisado.

Além da prática discursiva delineada acima, em nível textual, podemos analisar diversas categorias que, em nível mais específico, retratam o mesmo controle dos sentidos observado na análise intertextual: "controle interacional", "coesão", "gramática (transitividade, tema, modalidade)", "vocabulário" (significado das palavras, criação de palavras, metáfora).

Quanto à primeira categoria – o "controle interacional" –, é possível verificar que quem domina a distribuição de turnos de fala, a seleção de mudança de tópico, a abertura e fechamento das interações e o controle de cenas e imagens que vão ao ar, é o repórter nas entrevistas, assim como o editor ou diretor na seleção das cenas e imagens. Em última análise, o diretor do programa pode contextualizar qualquer fala no discurso do programa.

Quanto à "coesão" entre as orações e discursos representados e entre as imagens apresentadas, há uma forma de coesão bastante semelhante. Entre os discursos representados (Breno, dona Célia, Sr. Otacílio, Sr. Antônio e Sr. Elias), há sempre uma observação do repórter que controla o dizer do outro e ela possui invariavelmente uma significação cultural ou ideológica.

Quanto à "gramática", é possível perceber que o tema é sempre o voto, geralmente associado a "direito", como é possível perceber na transitividade na frase "Noventa e um anos é uma benção, tem que aproveitar!". Tem que aproveitar como? Votando. A transitividade no verbo "aproveitar" associa novamente voto a "direito". É possível observar a mesma associação em nível de "vocabulário", ou seja, o voto passa a significar "direito" e "participação", nas várias vezes que a palavra "voto" aparece.

Ainda no programa do dia 03 de outubro, são veiculados mais dois quadros relacionados a eleições. Um deles – "Vote em mim" – é exibido duas vezes apresentando candidatos a vereadores com discursos "curiosos".

Apesar do texto de abertura apelar, mais uma vez, para o voto – "Vote em mim!" –, o quadro parece ser mais polissêmico que os anteriormente analisados. Apesar de a intertextualidade ser constitutiva do texto do quadro, a "coesão" e os "conectivos" entre os discursos representados são menos controlados pelos produtores. Assim, quem dá coerência aos discursos representados são os espectadores. Os sentidos que podem conectar os textos e/ou discursos relatados (os textos dos candidatos), separados por "corte seco" entre as imagens, podem, portanto, ser relacionados a significados como: eleições democráticas (*todos* podem ser representados na câmara de vereadores), eleições não representativas (qualquer um pode ser candidato); entre muitos outros significados.

Já no último quadro, apesar de não se falar em eleições brasileiras, o apelo volta a ser o voto, relacionando-o à participação e a direito cívico.

> George W. Bush ou John Kerry? Você, que já votou para prefeito e vereador, também *pode* participar da eleição americana. É simples. Descobrimos que uma votação mundial já está acontecendo na Internet. E, pelo menos por enquanto, John Kerry vence na maioria dos países, inclusive no Brasil e por larga margem de votos. Você *pode participar* dessa informal eleição globalizada clicando em: www.betavote.com (grifo nosso).

Neste contexto, os textos parecem tentar convencer de que o voto é um "direito" aos espectadores-eleitores imaginários, posicionando-os, convidando-os a se relacionar com as situações ou personagens apresentadas na matéria, assumindo o lugar de mais um entre os representados nas cenas. Como explica Fairclough (2001, p.156) as "pressuposições" do produtor do texto podem

> ser manipulativas assim como sinceras. Isto é, o(a) produtor(a) do texto pode apresentar uma proposição como dada por outro ou estabelecida por ele mesmo desonestamente, insinceramente e com intenção manipulativa. As pressuposições são formas efetivas da manipular as pessoas, porque elas são freqüentemente difíceis de

> desafiar. Um entrevistado, em uma entrevista da mídia, que desafia uma pressuposição em uma pergunta do(a) entrevistador(a), pode aparecer facilmente como quem está se esquivando do problema.

Mesmo não sendo propositais, as pressuposições, "as ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o *status* de 'senso comum'" (idem, p.117), contribuindo para hegemonia de determinada representação ou prática social.

Essas pressuposições sobre o espectador-eleitor que sustentam os textos estão relacionadas com o que Ellsworth (apud. Macedo, 2004, p. 112) chama de "modos de endereçamento" que, presentes em qualquer enunciado, acabam por consentir que os espectadores criem sentidos relacionais, como uma projeção de formas particulares de relações do sujeito consigo mesmo, com os outros, com o conhecimento, com o poder. Deste modo, as estratégias interdiscursivas que compõem os textos em análise ajudam o espectador a se ver em relação aos "outros". Um conjunto de experiências sociais é excluído e os discursos conduzem a posições de sujeito. Reforçam-se representações que tipificam o Eu e ajudam a definir o Outro.

2. Tecnologização do discurso e mudança social

Em praticamente todas as reportagens e quadros relacionados ao voto no programa do dia 03 de outubro, havia uma intervenção deliberada nas práticas discursivas, havia um sentido que se impunha em detrimento de tantos outros – "o voto como um direto de participação". É possível perceber, portanto, que há um projeto, quase uma campanha em favor do voto. No entanto, apesar de ter finalidade semelhante à de uma campanha, as práticas discursivas não se encaixam na ordem do discurso de uma campanha propriamente dita. Para destacarmos a diferença entre as ordens do discurso das reportagens e de uma campanha, vamos observar a campanha "Vota Brasil", elaborada pelo governo federal para as mesmas eleições:

> – Vota Brasil! (coro em off).
> – No mundo inteiro o Brasil é reconhecido pela a alegria de sua gente, pelas suas riquezas naturais e pelo seu tamanho e importância. Agora vamos conhecer mais um produto tipicamente brasileiro, utilizado e admirado por diversos países:
> – ... a urna eletrônica. Produzida com tecnologia 100% nacional, ela é responsável pela realização da maior eleição informatizada do mundo. Com a urna as eleições ficaram mais rápidas e seguras. Uma prova do fortalecimento da democracia no país.
> – Votar é importante e agora é motivo de orgulho nacional (jornalista retratada acima).

– Eleições 2004, o destino de sua cidade na sua mão (voz masculina em *off*).
– Vota Brasil! (coro em *off*)

Apesar de poder destacar vários aspectos diferentes entre os textos do Fantástico e o da campanha, alguns deles nos chamam mais a atenção. O primeiro diz respeito à formalidade do apelo (na campanha é possível verificar o uso mais formal da língua) e as tomadas de imagens mais rígidas. O segundo é que a campanha é configurada a partir de um monólogo, de um só discurso e da imagem de uma só pessoa, enquanto que os textos do Fantástico se configuram como diálogos (ou pseudo-diálogos), como textos interdiscursivos e imagens de diferentes pessoas. Um terceiro aspecto se refere ao modo explícito pelo qual é solicitado o voto, inclusive usando o verbo no modo imperativo ("vota Brasil") que, apesar de ser composto por duas vozes (a voz da jornalista e uma voz masculina em *off*), é possível perceber que elas pertencem ao mesmo texto e discurso.

A informalidade, a inclusão de falas em dialetos e sotaques não-padrão (como nos sotaques de Sr. Otacílio, Sr. Elias e Sr. Antônio), a eliminação de marcadores explícitos de poder, a mudança do monólogo para o pseudo-diálogo, a supressão das assimetrias explícitas entre personagens, apesar do controle interacional de turno e de tópicos entre os interlocutores constitutivos dos textos do Fantástico, nos levam à tendência discursiva a que Fairclough denomina "democratização".

Segundo o autor, a "democratização" tem sido uma tendência mundial de mudança nas ordens do discurso, o que não significa que os textos têm se tornado mundialmente mais democráticos e transparentes. Ao contrário, eles se tornam mais persuasivos, porque disfarçam posições e imposições usando vocabulário, gênero textual e arranjos semânticos mais populares.

Esta tendência de mudança nas práticas de discurso é visível ao analisarmos outros temas e quadros do Fantástico. Por exemplo, como já foi registrado, a ciência, a informação científica tende a ser apresentada com a participação de "pessoas comuns" que vão "comprovar" que o resultado daquela pesquisa ou conhecimento científico "serve" para a vida prática. No programa analisado há uma reportagem, baseada num estudo realizado por uma psicóloga inglesa, cujo tema é "A linguagem dos sinais do amor". O texto deste quadro começa procurando adequar o estudo à prática da "garotada":

> Casas noturnas lotadas, a garotada louca pra namorar. Qual o segredo pra ir na certa? Como não perder tempo investindo no alvo errado? A psicóloga inglesa Tracey Cox lançou um livro que pretende decifrar as regras da atração (repórter em *off*).

Logo depois, a própria psicóloga mostra que seu estudo serve para a prática cotidiana:

– Você consegue dizer se alguém está interessado em você em apenas 10 segundos. Seu corpo percebe antes do cérebro. É só ficar de olho em alguns sinais.

Além do início deste texto, que explicitamente apresenta a importância da pesquisa "na prática", participam da reportagem seis jovens (três moças e três rapazes "comuns"), concordando ou discordando de alguns sinais apontados no estudo, compondo praticamente toda a reportagem com discursos representados e reafirmando a tendência de "democratização" do discurso na reportagem.

O interessante é perceber que além de poder classificá-lo na tendência de "democratização", é possível vislumbrar uma outra tendência na superfície do texto: a comodificação – o conhecimento científico passa a representar um "bem de consumo". Isto porque estes jovens passam a representar as "pessoas comuns" para "validar" e transformar a informação científica em um "bem" que pode "servir" para viver "como se deseja". Assim, a reportagem acaba por se assemelhar a uma peça publicitária sobre o conhecimento científico "útil". Além disso, ao analisar as imagens, também é possível verificar a sua capacidade de simular um estilo de vida, criando um mundo que consumidores potenciais, produtores e produtos podem conjuntamente ocupar. Afinal, quando a reportagem termina, não se sabe se ela divulgou informação científica ou "vendeu" umas dicas de como se viver melhor ou, ainda, "vendeu" o livro da psicóloga baseado em sua pesquisa.

Para Fairclough, o fato de colocar discursos de "pessoas comuns" corresponde ao que ele chama de "tradução da mídia": o movimento de traduzir as "vozes do poder na versão de fala popular" ou "traduzir da linguagem pública para a linguagem privada" (p.144). Para o autor, esta modificação consiste em traduzir um tipo discursivo em outro e geralmente e, nesta "tradução", os discursos que se interconstituem tendem a ser junções do discurso informativo ao publicitário.

Em praticamente todos os quadros e reportagens do Fantástico, o que chama a atenção é que a "combinação de informação e persuasão está se tornando naturalizada, as distinções entre elas em

ordens do discurso estão desaparecendo e, como conseqüência, a natureza da 'informação' está mudando radicalmente" para se tornar muito semelhante à "linguagem publicitária" (idem, ibidem, p.263), seja em reportagens sobre ciência, sobre comportamento, etc.

Então, podemos afirmar que, nos casos analisados, há uma espécie de tecnologização relacionada a um sentido hegemônico, que acaba por participar da manutenção ou mudança dos valores, das crenças, do senso comum, da prática social. As tecnologias discursivas, vistas na articulação palavra-imagem-som, são aperfeiçoadas com base nos efeitos antecipados, mesmo nos mais apurados detalhes de escolhas lingüísticas no vocabulário, na gramática, na entonação, na organização do diálogo, a angulação de câmera, entre outros, como também a expressão facial, o gesto, a postura e movimentos corporais. A conjunção destes produz mudanças discursivas nas práticas sociais.

Com base nesta análise, muitas questões mereceriam encaminhamento. Do ponto de vista da educação, a primeira delas é: como lidar com esta cultural audiovisual? Sem pretender dar conta delas neste espaço, é importante registrar a necessidade de abordagens críticas que contribuam para a formulação de políticas públicas sintonizadas com a complexidade das configurações discursivas contemporâneas.

Referências Bibliográficas

BARRETO, Raquel Goulart. *Formação de Professores, tecnologias e linguagens*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BARRETO, Raquel Goulart; GUIMARÃES, Gláucia C.; MAGALHÃES, Ligia K. C. de. *A articulação palavra-imagem no movimento dos sentidos*. Rio de Janeiro: II Seminário Internacional As Redes de conhecimentos e a tecnologia: imagem e cidadania, 2003 (CD-Rom).

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MACEDO, E. A imagem da ciência: folheando um livro didático. In: *Educação e Sociedade*. Campinas, v.25, n.86, jan./abr. 2004, pp.103-129.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento:* as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.